O ciberativismo via mídia torpedista a pautar o noticiário do século XXI[1]

Magaly Prado[2]
Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

O que constitui essa nova prática da comunicação de massa pessoal é o controle individual e a partilha coletiva da informação em mobilidade com alcance planetário e difusão imediata. Esses novos formatos midiáticos podem criar novas práticas da política já que os indivíduos estariam aptos a realizar uma rebelião crítica. Há possibilidades reais que eles comecem a agir sobre a grande mídia, a controlar as informações, a desmenti-las e até mesmo a produzi-las.
André Lemos

Cada vez mais, presenciamos protestos deflagrados por internautas nas redes sociais. Esse novo tipo de engajamento político surge com o ciberativismo, que se apodera do espaço público ao se alastrar de forma virótica, principalmente pelos torpedos nos celulares, pelos tuítes em 140 caracteres e por postagens em redes como Facebook, Tumblr, Vine e Instagram, bem como na blogosfera. A consequência é demonstrada constantemente com a presença maciça das redes como imprensa paralela na cobertura dos atos de revolta e com a mídia tradicional mudando radicalmente seu discurso após as manifestações[3], do dia 13 de junho, quando veio à tona que nem todos os manifestantes eram vândalos. A palavra "infiltrados" entrou na ordem do dia na grande imprensa e começou a ser repetida à exaustão no claro intuito de minimizar o governo das consequências que vinham sendo geradas pela ação estatal, como a violência truculenta, as prisões arbitrárias etc. Aliás, o que merece um artigo à parte. Ao exemplificarmos a cobertura dos fatos sem amarras dos preceitos jornalísticos com casos como a Mídia Ninja ou a Pós-TV (*streaming* via webcam transmitido ao vivo), que, ao entrevistar quem marcha pelas ruas, inclusive não cobertos pela mídia *mainstream*, podemos atestar que existe uma audiência cansada em não ver retratada a realidade dos fatos; audiência essa que migra para acompanhar o movimento, mesmo aceitando a forma (ainda) simples e, por que não dizer, até precária até. O

---

[1] Trabalho apresentado no GP Conteúdos Digitais e Convergências Tecnológicas, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Doutora em Comunicação e Semiótica e Mestre em Tecnologias da Inteligência e Design Digital, nos programas da PUC – Pontifícia Universidade Católica (SP). Jornalista e especialista em Comunicação jornalística pela Faculdade Casper Líbero, onde leciona Produção de Rádio e Radiojornalismo. Ministra aulas no curso de jornalismo da ESPM-SP.

[3] Protestos contra o aumento da passagem de ônibus e metrô (que em São Paulo subiram de R$ 3 para R$ 3,20) fecharam importantes avenidas de São Paulo. Outras cidades do Brasil também fizeram manifestações. Em alguns dias, como 17 de junho, um público estimado em cerca de um milhão de pessoas foi às ruas em diversos municípios – o que resultou na redução e congelamento de tarifas, na adoção de medidas emergenciais pelo governo federal e no atendimento de outras demandas populares.

importante não é a qualidade técnica e sim saber que o que mostram é exatamente o que está ocorrendo, sem maquiagem. E mais: com o chat aberto, muitos colaboram para a melhora das perguntas das entrevistas, pedem diferentes ângulos de questionamento e, assim, participam opinando e ampliando o debate e sua consequente conscientização.

O sociólogo e ativista do movimento pelo software livre Sergio Amadeu da Silveira (2010, p.65) lembra que todo o discurso da sociedade de informação, da era informacional e de uma sociedade em rede está baseado em práticas globais ocidentais que carregam valores "vinculados à doutrina liberal, à ideia de que o poder político estatal deve respeitar os direitos individuais: a propriedade privada, a livre iniciativa econômica e as liberdades fundamentais, entre elas a liberdade de expressão, de associação e de imprensa". Porém, Silveira adverte que "nem todas as culturas e hegemonias políticas nacionais aceitam ou interpretam do mesmo modo tais valores políticos". Assim, as práticas comunicativas em redes distribuídas, sem centros de controle, são colocadas em questão, uma vez que podem portar conteúdos e conversações reprovados e considerados nefastos por uma cultura ou pela maioria política de uma sociedade nacional (SILVEIRA, 2010, p.67).

No âmbito da formação da consciência pública, Maria Lucia Becker (2010, sem página) reforça que "as ações online ocorrem no sentido de tornar a internet uma fonte alternativa de informações, por meio de veículos de comunicação independentes, blogs, sites de organizações, listas de e-mails, fóruns de discussão e comunidades de relacionamento". André Lemos (2012, sem página) corrobora esse raciocínio, imputando que as redes sociais e a internet trazem um "novo paradigma comunicacional". Explica que, diferentemente da mídia de massa, a comunicação flui de forma descentralizada, mais horizontal e sem um polo de emissão que controla o fluxo das informações.

É possível verificar com Richard Barbrook que no decorrer da história, a partir do final dos anos 1960, enquanto a mídia, as telecomunicações e a computação convergiam, a humanidade reemergia como sujeito da história (BARBROOK, 2007, p.330 apud PRADO, 2010, p.11). Não é de hoje que constatamos a força da expressão coletiva quando esta busca disseminar seu descontentamento e consequente manifestação por meio da comunicação mediada por computadores – tanto nas máquinas quanto nos aparelhos celulares. Muitas vezes, os resultados são expressivos a ponto de alcançar, por exemplo, a derrubada de presidentes, além de dar ressonância a problemas e a questões rotineiras. Howard Rheingold (2003, p.157) traz esse bom exemplo do poder desse tipo de mobilização:

> No dia 20 de Janeiro de 2001, o Presidente das Filipinas, Joseph Estrada, foi o primeiro chefe de estado na história a perder o poder por uma "multidão inteligente" (smart mob). Mais de um milhão de moradores de Manila, mobilizados e coordenados por uma onda de mensagens de texto disparadas pelo site "People Power" (criado em 1986), afrontaram o regime com manifestações pacíficas. Dezenas de milhares de filipinos convergiram para a Av. Epifanio de Los Santos, conhecida como "Edsa", uma hora após a primeira mensagem de texto ter sido lançada: "Vá para EDSA. Use preto". Durante quatro dias, mais de um milhão de cidadãos apareceram vestidos de preto. Estrada caiu. A lenda da "geração *txt"* tinha nascido. Derrubar um governo sem disparar um único tiro era uma demonstração prematura e momentânea do surgimento do comportamento *smart mob*.

Silveira (2010) ressalta que a tecnologia de comunicação em rede está sendo usada, reconfigurada e assimilada em ritmo crescente pelas diversas culturas, "inclusive pelas comunidades tradicionais, seja no Nepal, seja na Floresta Amazônica. Esse processo certamente conduzirá uma série de mudanças em cada uma dessas culturas".

> O que já se nota são processos de um tipo de desintermediação e a elevação das interações sociais intra e inter grupos, principalmente a partir da expansão e consolidação das redes de relacionamento ou redes sociais, fenômeno de dimensão planetária. Também é marcante a tendência de envolvimento dos segmentos mais mobilizados na rede em debates e em ações relacionadas às questões internacionais, como o golpe militar em Myanmar (2009), as eleições no Irã (2009), os terremotos no Haiti e no Chile (2010), entre tantos outros exemplos (SILVEIRA, 2010:65).

Vale ressaltar que o objetivo deste artigo é, a um só tempo, levantar os principais acontecimentos que antecederam as manifestações do "Outono Brasileiro", ou "Inverno Brasileiro", quando o movimento tomou força, e colocá-los em uma linha do tempo, no intuito de traçar de que forma a internet influenciou e fez emergir uma maneira diferente de se revoltar e partir para a luta por princípios políticos e/ou ideológicos, culminando, assim, na conquista de um espaço maior na imprensa (lembrando que nem sempre essa cobertura do ciberativismo ocorre no âmbito da imprensa tradicional). Obviamente, é fundamental frisar que o cuidado ético deve embasar todo e qualquer exemplo, alusão ou modelo de colaboração de cidadãos comuns, não jornalistas, que se aventuram a informar (muitas vezes conseguindo exercer este papel muito bem) e alimentar a mídia, afinal esse tipo de atitude tem aumentado progressivamente desde que a internet passou a vigorar no cotidiano das pessoas. Como bem lembra Rogério Christofoletti (2008, p.97), "cultura livre, ética *hacker*, crescimento da participação do público no processo de produção e difusão informativa, tudo isso pode parecer o apocalipse para os jornalistas mais puristas". No

jornalismo, segundo o autor, "aspectos como qualidade técnica, função social, conduta ética e credibilidade não poderão ser pensados sem considerar essas novas variáveis", o que leva à conclusão de que esta prática já "não é mais o que pensávamos. Terá de se reinventar". O que vemos também são pequenos relatos em vídeo instantâneo sendo espalhados nas redes não somente para reportar, mas, principalmente para alertar sobre todo tipo de agressões.

Com esses primeiros parágrafos, eis o objetivo deste artigo: elencar algumas das diversas formas de expressão coletiva e a tendência de os assuntos políticos viralizados pelos dispositivos móveis receberem repercussão na mídia *mainstream* e alternativa. Nessa reinvenção, adotaremos o lema de que mais vale ouvir e dar voz aos que lutam por uma vida melhor. Pode parecer piegas, mas é crucial que tenhamos um discernimento que nos impeça de estacionar (com empáfia, até) no alto posto de *gatekeepers* e que faça com que nos rendamos mais ao exercício diário, diria, do minuto a minuto do *gatewatching* e sua edição precisa. Assim, com um levantamento dessas últimas manifestações, que antecedem o "Outono Brasileiro" poderemos entender como se dá a mobilização política neste século e o andamento do jornalismo-cidadão.

Para Silveira, em entrevista a Bia Barbosa (2012, sem página), "a partir dos anos 90, os *hackers* se politizaram, porque boa parte integra o movimento de Software Livre e, de repente, teve que passar a enfrentar o Estado para poder exercer seu *hobby*, que é desenvolver códigos e compartilhar conhecimento. Tiveram que se coletivizar para enfrentar as leis de propriedade intelectual, que se enrijeceram no mundo inteiro". A intenção nesse ponto é fazer uma breve comparação de como se davam as práticas de envolvimento dos militantes, a favor da política em que acreditavam, anteriores ao advento da internet e dos aparelhos celulares. Em 1993, com mais importância, no nível da base, *hackers* e ativistas comunitários já exploravam as aplicações artísticas e sociais dessas novas tecnologias de mídia (Barbrook, 2007, p.350). Friso então, que a intenção é, apenas, registrar a nova e crescente maneira de agir na rotina das manifestações dos últimos dez anos, imediatamente anterior ao "Outono Brasileiro" (4/6/2013), para possível verificação comportamental.

Anderson de Almeida Cano Ortiz (2012, p.149) pesquisou a relação do jovem eleitor carioca com as redes TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação –, e, citando Yochai Benkler, visa a demonstrar que a juventude está intrinsicamente ligada ao que dizem seus pares, sendo que, "entre os engajados, identifica-se que os agenciadores de

maior influência a colocar o jovem carioca em ação pela web são os 'amigos próximos' ou os 'meios de comunicação'".

> Interessa particularmente refletir o achado de que a rede próxima de amigos exerce influência com maior incidência do que a dos meios de comunicação. O efeito acumulador das redes sociais, a depender da reação que venha a provocar, pode ter outro tipo de 'acreditação' partindo não apenas e exclusivamente do que os meios estão dizendo, mas também daquilo que os amigos próximos estão compartilhando como um fato mobilizador (BENKLER, 2006 apud ORTIZ, 2012, p.149).

Ortiz (2012:150) constata que o "efeito de continuidade entre a mídia tradicional e os meios TIC se delineiam". Isso mostra que os fatos apresentados pela mídia geram reações neste segmento do público, "tomando por base as próprias categorias habitualmente presentes na agenda de cobertura informativa tradicional". Neste hábito cultural que se estabelece, portanto, a opinião dos amigos e aquilo que os meios de comunicação repercutem em mais de um canal tendem a tomar o sentido de verdade.

Para entender melhor o ativismo no ciberespaço, é importante percorrer o conceito e algumas noções a ele associadas. De modo geral, o ciberativismo consiste em ações continuadas, realizadas com a internet ou, exclusivamente, via internet, visando aos objetivos específicos ou a uma transformação geral da realidade. "A definição ampla se deve ao fato de o ciberativismo incluir tanto atividades que são possíveis apenas online quanto o uso da internet como um canal adicional de comunicação para grupos, organizações e movimentos sociais" (Becker, 2010, sem página).

Ronaldo Lemos argumenta sobre Castells e McLuhan: "O Castells enxergou a internet pela perspectiva de rede e das ciências sociais, o que trouxe reflexões para o ativismo e o papel da internet em mudanças no sistema político". E continua:

> Mas tem um pensamento que eu acho particularmente interessante, que é do McLuhan. Ele lembra que estamos mergulhados em um universo de mídia. Ou seja, toda vez que há uma mídia nova, isso, inevitavelmente, leva a mudanças de vida. A internet, que é a mídia de todas as mídias em toda sua complexidade, flexibilidade e dinamismo, tem um impacto gigantesco na vida de todos (LEMOS, 2013, sem página).

Novos hábitos de consumo informativo se estabelecem em continuidade aos argumentos da mídia tradicional, conforme afirma Ortiz (2012, p.21).

> A internet acaba por complementar um cardápio variado de informações, cuja lógica de acreditação dos conteúdos oferecidos passa a contar com outras instâncias.

> Revela-se um contexto diferente de mediação política de complementação aos media tradicionais.

A constatação mais evidente é que a estratégia de divulgar uma ação ganha reforço estrondoso com o uso dos dispositivos móveis, cada vez mais fáceis de serem carregados pelas pessoas em seu cotidiano. Lemos explica a abrangência de um celular:

> [...] é um *dispositivo* (um artefato, uma tecnologia de comunicação); *Híbrido*, já que congrega funções de telefone, computador, máquina fotográfica, câmera de vídeo, processador de texto, GPS, entre outras; *Móvel*, isto é, portátil e conectado em mobilidade funcionando pó redes sem fio digitais, ou seja, de *Conexão*; e *Multirredes*, já que pode empregar diversas redes, como *Bluetooth* e infravermelho, para conexões de curto alcance entre outros (LEMOS, 2007, p.2).

A facilidade de denunciar uma injustiça ou arbitrariedade e a posterior marcação de local, data e horário para a manifestação de oposição podem ser comprovadas com a rápida propagação e com a contagem de participantes. Ortiz (2012, p.16) discorre sobre memória coletiva, uso de ferramentas e correntes e circulação de informação.

> Se até recentemente as informações eram armazenadas numa memória coletiva através das histórias dos indivíduos e seus grupos, como também na materialidade de documentos impressos, livros e acervos, entre outros suportes, as últimas décadas do século XX trazem uma significativa mudança de escala na capacidade de armazenar a produção social e os fluxos de suas correntes de informação nas redes digitais. Além da capacidade de armazenar, outra importante transformação se dá na forma de distribuir conteúdo. A circulação da informação ganha contornos transformados a partir da conexão em rede digital, cuja tendência nos próximos anos incluirá os objetos técnicos presentes no cotidiano do indivíduo, permitindo registrar hábitos e atitudes nas apropriações e usos de cada ferramenta.

Ainda conforme o autor, a mídia tradicional "se vê diante do inusitado desafio de renovar sua legitimidade perante a esfera pública, em um espaço cuja lógica de produção e consumo, em tese, apresenta características diferenciadas (ORTIZ, 2012, p.16). Já segundo Castells (2005, p.84), "em 1999 não existia nenhuma autoridade clara e indiscutível sobre a internet, tanto nos EUA quanto no resto do mundo – sinal das características anarquistas do novo meio de comunicação, tanto tecnológica quanto culturalmente". Nos últimos anos, mais precisamente com a chegada do Twitter, a mídia passou a checar as informações nas redes sociais mais amiúde. Já o fazia na época da febre do Orkut, mas, com o advento das tuitadas frenéticas que passaram a ganhar força de espalhamento de informação, os jornalistas precisaram mudar o dia a dia da checagem das notícias. No entanto, Castells (2011, sem página) argumenta que, "na medida em que há uma mudança organizativa e

tecnológica no entorno da comunicação, mudam também os processos de comunicação, e como consequência as relações de poder". E continua:

> Qual a mudança fundamental que temos observado nos últimos anos? É a passagem de um sistema totalmente dominado pela comunicação de massas, e centrado nos meios de comunicação de massas, para um sistema que chamo de autocomunicação de massas, através da internet. [...] Por autocomunicação de massas podemos entender a capacidade de cada pessoa para emitir suas mensagens, selecionar as que quer receber e organizar suas próprias redes – nas quais os conteúdos, as formas e os participantes são definidos de forma autônoma.

É notório observar esse espaço infinitamente maior a que Castells se refere. A internet amplia a voz de quem já estava habituado a se manifestar e dá voz a quem nunca teve. Castells afirma, ainda, que é possível organizar "redes horizontais de comunicação interativa, que chegam à sociedade através de pessoas, interesses, valores e grupos sociais não representados pelos sistemas corporativos de poder". Em consequência, diz ele, ampliou-se extraordinariamente o espaço para a comunicação conflitiva e o "espaço de autorrepresentação das pessoas na sociedade". Lemos (2012, sem página) reforça essa teoria e a prática atual, fazendo paralelo com o pós-massivo. "O poder massificador, de *agenda setting* ou de enquadramento não existe da mesma forma nos meios pós-massivos". Exatamente: o campo de checagem aumentou e não se pode ignorá-lo. "Há remediação (ação de formas midiáticas umas sobre as outras), interferências mutuas, recursividades, mas não se pode dizer que o poder unilateral e massivo impere sem entraves hoje em dia". Neste ponto, Lemos (2012) traz a reflexão para a manifestação da política dentro e fora das redes digitais. Diz ele que, "se isso é verdade no campo da circulação de informação por empresas jornalísticas ou pessoas comuns, o mesmo acontece com a dimensão política dos movimentos sociais que usam as ferramentas da internet".

> Há os movimentos sociais "clássicos", que funcionam a partir das instituições da sociedade civil organizada como partidos políticos, organizações de classe etc. Nesses, pode-se identificar um comando e intenções precisas. Eles continuam a existir e são fortes. No entanto, gostaria de destacar aqui aqueles que surgiram nos últimos anos [...], e que usam a internet de maneira descentralizada e sem líderes, para as mais diversas reivindicações. Muitos autores chamam esses de "movimentos sociais 2.0", fazendo referências às tecnologias digitais em rede. Não há líderes, não há partido político e, em muitos casos, os objetivos não estão muito claros.

A falta de um líder assumido atrapalha, de fato, as investigações acadêmicas; por outro lado, alguém sempre começa o movimento, mesmo que este provenha de uma discussão entre pares. Porém, é própria desse tipo de manifestação, provocada pela internet,

pelas redes sociais com ajuda dos celulares e seus aplicativos, a não autoria do início do movimento e, assim, dele como um todo. É o sinal dos tempos. A questão da facilitação, da usabilidade e de como toda essa gama de ajuda que as redes fazem emergir precisa ser levada em consideração. Nem tudo seria tão facilitador se não houvesse uma nova maneira de se comunicar pela internet. Do ponto de vista da finalidade das iniciativas, o ciberativismo se constitui em basicamente três áreas: conscientização/apoio, organização/mobilização e ação/reação (VEGH, 2003 apud BECKER, 2010). O ciberativismo e o hackerativismo se valem da democracia digital, ou ciberdemocracia, e-democracia ou ainda democracia na web.

Da invenção dos estrangeiros e seus *smart mobs* aos atos de contestação, entre eles, os mais significativos para mapear o processo político que une o hiperlocal com o mundo on-line e *offline*. Quando as manifestações locais atingem não apenas repercussão internacional de apoio, mas também uma maneira de se alastrar para outras cidades com atos que "pipocam" aqui e ali pela mesma causa. E quando as discussões saem da ciberesfera e ganham as ruas na marcação de pontos de encontro para que as manifestações locais ocorram. Nos dois casos, as reivindicações são difundidas, debatidas e levadas tanto aos quatro cantos do planeta quanto às esquinas dos bairros que habitamos.

Ao apontarmos para alguns marcos históricos, é interessante notar que pensadores como Howard Rheingold já previam o uso constante dos celulares. Mônica Schieck (2005, p.4) traz citação do autor (2003, p.30) publicada originalmente em seu livro "Smart Mobs: The Next Revolution", fonte inspiradora das *flash mobs*, que reproduzo aqui:

> Uma década depois eu me vi tentando entender o que irá acontecer quando comunidades virtuais migrarem dos computadores de mesa para os telefones móveis. Eu queria visualizar futuras formas sociais que pudessem crescer fora das atuais bandas onde perambulam as mensagens de texto dos telefones móveis.

Na organização e mobilização, o ciberativismo se configura especialmente quando a atuação on-line passa a interferir não só na qualidade das ações *offline*, mas também na própria estrutura organizacional, viabilizando, entre outros elementos, a constituição de coordenações policêntricas (BENNET, 2004 apud BECKER, 2010, p.175), como no caso dos protestos em escala global e da construção do Fórum Social Mundial. Para entendermos a fundo o que constitui o ciberativismo, a intenção é averiguar algumas das demais práticas similares ou que possam ter pontos em comum, como, por exemplo, o chamado *hacktivismo*, que, como o nome já diz, trata-se de um movimento oriundo do "universo"

hacker. Outra questão importante que é levantada, e que vem do movimento *cyberpunk*, é a da ética *hacker*, com os lemas de que "toda informação deve ser livre" e que se deve aderir ao "faça você mesmo", o que aflora o ativismo e a resistência na rede. Os *hackers*, bem como outras "trupes", ajudaram a mudar o estilo de protestar.

> Desde meados dos anos 1990, as possibilidades culturais e políticas abertas pela internet se tornaram simbolizadas por novos ícones: ciborgues socialistas-feministas, *hackers* anarco-comunistas e artesões digitais social-democratas. Durante as últimas quatro décadas, suas atitudes "façam-vocês-mesmos" transformaram com sucesso as máquinas de fazer guerra e dinheiro em ferramentas de sociabilidade e expressão pessoal (BARBROOK, 2007, p.383).

Becker reafirma: "É no campo da ação/reação, no entanto, que o ciberativismo assume a sua forma mais proativa e agressiva, sendo também chamado de hacktivismo".

> Entre os instrumentos utilizados nas estratégias de ação/reação, os principais são: (a) ocupação virtual (virtual sit-in), com o bloqueio/apagão (overwhelming) dos servidores do site por meio de inúmeros pedidos simultâneos de entrada, ou com o envio de e-mails além da capacidade do servidor (e-mail bomb); (b) deformação da página inicial, com simples desconfiguração do design ou com cibergrafites contendo material de protesto e/ou linguagem ofensiva; (c) paródia, com a criação de sites com nome de domínio semelhante ao oficial; (d) redirecionamento de acesso para outro site; (e) criação de vírus; e (f) *e-mail* em massa (VEGH, 2003, p.71-95 apud BECKER, 2010, p.176).

Em outra definição:

> As redes sociais *online* configuram-se como microcosmos sociais, e muitas semelhanças são evidentes em relação às dinâmicas interativas presentes no cotidiano social de contato 'presencial'. Neste sentido, apreendemos os telefones celulares como artefato potencializador das redes sociais *online*, pois dada à sua multifuncionalidade aliada à mobilidade e fácil manuseio [...]. Assim sendo, o celular pode potencializar as redes sociais *online* à medida que possibilita vários níveis e formas de interação, tendo como suporte não somente seus próprios recursos (SMS, vídeo-chamada, câmera etc.), mas também utilizando-se do ciberespaço concomitantemente ou não (BALDANZA, 2012, sem página).

Não temos a pretensão de detalhar a história, mas demarcar alguns pontos pré-"Outono Brasileiro". Embora possa parecer algo baseado nas tecnologias de última geração, o ciberativismo é tão antigo quanto a internet, estando presente em iniciativas "que constituíram as raízes da própria rede, como a criação do MoDem e do protocolo Unix [...], que permitiu a concepção das BBSs (*bulletin board system*) [...] pelos pioneiros da contracultura" (RHEINGOLD, 1996, p.141-181 apud BECKER, 2010, p.176).

Parte da obra de Barbrook e também alguns textos de Haraway provam que alguns dos pensadores da atualidade se debruçam nas questões do ciberespaço com uma abordagem tanto política como social; assim, podemos encontrar observações pertinentes, lembrando sempre que somos os inventores de nossas próprias tecnologias. O caráter incisivo da crítica de Barbrook fica claro no seguinte trecho: "No momento em que todos tivessem acesso à internet, a democracia participativa e a criatividade cooperativa seriam a ordem do dia" (BARBROOK, 2007, p.362). Apenas para constar, a jornalista Bia Barbosa, na reportagem na revista Carta Maior, faz um resumo dos ativismos digitais imediatamente anteriores ao "Outono Brasileiro":

> Em 2009, após indícios de fraudes nas eleições no Irã e da repressão de Ahmadinejad aos primeiros protestos, a população, fazendo uso da internet para compartilhar informações e se organizar, foi aos milhões às ruas de Teerã. Entre 2010 e 2011, com forte utilização das redes sociais – inclusive em países onde o acesso à internet é bastante limitado -, movimentos mostraram ao mundo o que acontecia em ditaduras árabes, chegando a derrubar governos.

A mídia torpedista muda e reconfigura o jeito de se expressar dos cidadãos nos dias de hoje e suas ações políticas ganham cada vez mais espaço e cobertura na mídia, seja na convencional ou na crescente mídia paralela. Com o auxílio de ferramentas teóricas, partimos para breves análises que vão desde os mais lúdicos *flash mobs* até os movimentos que exibem intuitos claramente políticos.

> Independentemente do caráter político ou apolítico do movimento, a mobilização via Internet ou via telefones celulares está funcionando. O destaque e a importância ficam por conta de os jovens estarem aprendendo a usar a Internet e a comunicação móvel para estabelecer uma cultura própria. As *flash mobs* podem ser entendidas como a necessidade de formação de uma comunidade acoplada ao entretenimento, mesmo sendo ela fluída. Livres de qualquer vínculo, os laços das 'comunidades estéticas' devem ser experimentados no ato, sem o compromisso de ser levado para sua rotina diária (BAUMAN, 2001, p.68 apud SCHIECK, 2005).

Grosso modo, os *smart mobs* são manifestações de caráter político e *flash mobs* são para puro entretenimento, tal como uma performance. Porém, os dois atos são parecidos, pois são mobilizados, inicialmente, com ajuda dos torpedos enviados pelos celulares, e depois com ativação automática de tuitadas – que podem ou não ser digitadas pelo celular. Vejamos um dos exemplos para melhor entendimento e registro histórico:

> As *smart mobs* despontam, normalmente, de um posicionamento político. Depois da explosão de uma bomba dentro do metrô na Estação de trem em Atocha mais de

> cinco mil pessoas reuniram-se espontaneamente em frente ao quartel general do Partido Popular, partido do governo em Madri, protestando contra o que eles achavam ser uma falta de transparência na investigação sobre o bombardeio nos trens. O protesto foi mobilizado em questão de horas usando as mensagens de texto do celular (SCHIECK, 2005, p.8).

Ortiz traz à tona teorias atuais sobre as TICs, com ênfase no contraponto ao modelo massivo tradicional. Traz também a abordagem da questão dos meios de comunicação e a mediação política. A expectativa, para o autor, é "entender como a competição política na esfera pública chega ao espaço da rede mundial de computadores":

> Buscam-se explicações para entender por que a comunicação mediada por computador é apontada como elemento potencialmente transformador. Já seria possível nos tempos atuais perceber o uso diferenciado das redes TIC para atuação política em sociedades democráticas? Na perspectiva positiva, emergem novas práticas políticas ou se transformam ao serem reapropriadas e glosadas com os fazeres tradicionais, identificando os arranjos recorrentes em tais interações (ORTIZ, 2012, p.19).

Os questionamentos apresentados por Ortiz são triangulados pelos autores que encabeçam esta ponderação, como Castells, Lemos, Barbrook e Silveira. Principalmente quando Ortiz fala dos "otimistas" e "pessimistas", devemos levar em consideração outras reflexões que serão levantadas:

> Para os otimistas, a popularização da base de equipamentos conectados, a entrada maciça de parcelas cada vez maiores de estratos sociais mais pobres, a possibilidade de comunicação descentralizada do modelo tradicional 'um-todos', passando para modelos 'um-muitos' ou 'muitos-muitos' e a interação com pessoas geograficamente dispersas de uma maneira fácil e conveniente são argumentos que mostram que uma nova esfera social se forma em torno do aparato tecnológico das redes TIC. Na corrente oposta, pessimista, percebe-se esta e-democracia mais como uma forma de reforçar velhas estruturas da política tradicional do que transformar o fazer político. Retomando a discussão na própria matriz sobre democracia, o mérito da rede conectada em escala seria dar maior transparência no processo de decisão dos agentes públicos (ZITTEL, 2004, apud ORTIZ, 2012, p.60).

Ainda há muito o que pesquisar, principalmente com a deflagração do "Outono Brasileiro". Lemos traz ponderações, citando Lessig, ao dizer que nossa era é marcada por uma crise das ideologias e pela ausência de líderes e de canais de comunicação exclusivos ou centralizados. "A pulverização é a característica da época. Agora todos são 'leitores e escritores'. Saímos da cultura do 'read only' para uma cultura do 'read and write'".

> Diversos movimentos sociais 2.0 têm ocorrido pelo mundo, usando a internet, sem que haja uma reivindicação de um líder, de um partido político ou de uma classe precisos. Quem é o líder do movimento "Occupy" que se espalhou pelos EUA e Europa no fim do ano passado? [...] Quem foram os líderes dos movimentos conhecidos como "Smart Mobs" na Espanha, que mudaram os rumos das eleições após os atentados às estações do metrô em Madri, em 2004, ou nas Filipinas em 2001, quando uma enxurrada de SMS causou uma movimentação forte que derrubou o presidente Joseph Estrada? Quem são é quem é o líder dos Anonymous?

A reportagem de Bia Barbosa traz breve definição dos Anonymous:

> Hoje, uma das maiores expressões globais no novo ativismo digital são os Anonymous, um modelo de ação que nasce nos Estados Unidos entre ativistas, artistas e hackers e que passou a ter importância no mundo inteiro. Usando as técnicas do hackeamento e da hipertrofia, realizaram a Operação Payback, em protesto à retirada do site do Wikileaks pelos Estados Unidos e ao corte do financiamento do site de denúncias através de cartões de crédito.

Lemos (2012, sem página) defende que "não se trata de uma dificuldade de se identificar os líderes. Trata-se efetivamente de novas formas de organização que não comportam mais as centralizações pessoal ou partidária."

> Lembremos que as redes de computadores são ferramentas de circulação e descentralização da informação. A internet surgiu para isso. Para descentralizar a informação em plena guerra fria. Os movimentos sociais 2.0 reconhecem nessas características uma força que pode ser usada em prol de uma causa. Não podemos identificar os líderes, pois eles simplesmente não existem.

"Não há líderes, mas a constituição de multidões "inteligentes" (que usam as novas tecnologias) para fazer circular informações e ideias, como em uma ampla conversação", diz Lemos (2012). Segundo o autor, novas vozes surgem e se agregam, fazendo circular informações, ideias, sentimentos, protestos e reivindicações – muitas vezes de forma viral e recorrendo a redes sociais, como Facebook, Twitter e Orkut, por exemplo. Assim, constitui-se uma "circulação descentralizada" (LEMOS, 2012). Outra questão importante, para Lemos, é a mudança de sentido que o termo "lideranças" ganhou. Mais que um partido político, um líder carismático ou um "messias", o líder estaria, hoje, nas multidões e nos "coletivos inteligentes que se articulam, sem centro, em prol de uma causa" (LEMOS, 2012, sem página):

As diversas questões levantadas até este ponto indicam a importância de se discutir o papel do jornalismo e das práticas de comunicação ao dar ressonância, força e divulgação aos temas e debates levantados pelo ciberativismo. Essas e outras premissas do jornalismo ético – e sua relação com as práticas de ciberativismo que, cada vez mais, assumem a

função de oferecer temas e questões que devem ser abordados no noticiário contemporâneo – serão reforçadas no andamento dos próximos acontecimentos.

Christofoletti acrescenta que, com a internet, "veio à tona a democratização de conteúdos, o ciberativismo e novas discussões em torno da propriedade intelectual, dos regimes de autoria e das próprias identidades no mundo virtual." E conclui que "as transformações contagiam a educação, a comunicação, a política, a cultura e a economia". Na cibercultura surge o espaço ilimitado (como é a rede no todo) para produções que antes não tinham visibilidade suficiente para uma divulgação maior. São as produções digitais independentes, os ativismos artísticos e mesmo a própria possibilidade de formar redes de cidadãos conectados. Para entender melhor a transição entre o pensamento massivo, passando pelo interativo até o interacional, Braz & Penido resumem:

> O ciberespaço funciona, portanto, como um sistema complexo, no qual a atuação jornalística está vinculada ao conceito de interlocução. Sendo assim, o processo comunicacional neste meio encontra-se em constante desenvolvimento, por meio de fluxos e processos de cunho não-linear. [...] Isso significa que o tradicional conceito de *gatekeeping* é minimizado, cedendo espaço a uma práxis, [...] a "cartografia da informação" e diz respeito ao modo de atuação jornalística em redes comunicativas inter-relacionais (BRAZ e PENIDO, 2007, p.11).

A cultura digital e das redes atravessa, há alguns anos, uma etapa transformadora. A convergência de diferentes mídias, a utilização da web como plataforma e o surgimento de tecnologias que estimulam o compartilhamento de dados e as práticas colaborativas são algumas das características que marcam esse momento. Christofoletti lembra da ameaça atual ao jornalismo tradicional: segundo ele, as seções de webjornalismo participativo configuram-se em práticas autorreferenciais que têm como objetivo abrir o funcionamento do campo do jornalismo, dentro de certo controle.

> No que diz respeito aos processos de agendamento, a própria lógica de funcionamento da internet [...] já proporciona um furo na Agenda-setting, já que os interagentes buscam a informação, ao invés de a informação ser despejada na audiência. Sendo assim, os temas discutidos na rede podem ser definidos pelo público, configurando um fluxo contrário ao movimento de Agenda-setting típico dos meios de comunicação de massa (BRAZ e PENIDO, 2007, p.13).

Christofoletti (sem data, p.19) admite que "cada vez mais poderosas, essas redes sociais são hipertrofiadas por influentes conceitos: mobilidade, convergência e multimidialidade":

> A chegada aos mercados consumidores de dispositivos de telefonia móvel cada vez

> mais [...] causa tremores nas redações dos meios de comunicação tradicional. Afinal, o adolescente anônimo pode captar imagens com seu celular e dividi-lo com outros desconhecidos gratuitamente. Pode, inclusive, fazê-lo mais rapidamente que o jornal de sua comunidade, muitas vezes mimetizando as mesmas regras da gramática jornalística e atendendo ao mesmo interesse público no qual o jornalismo se apoiou décadas atrás.

Pessoas comuns com câmera na mão, profissional, semiprofissional, de câmeras fotográficas que gravam vídeos ou munidos de celulares, se alastraram pelo até então fechado mundo dos jornalistas profissionais e compartilham suas gravações com todos. O Youtube virou a plataforma preferida para subir e divulgar vídeos. Inicialmente registrando acidentes, desastres e hoje cobrindo todo tipo de conteúdo noticioso, dos mais importantes aos mais corriqueiros, supostamente capazes de despertar interesse para ser vistos, flagrantes ou não.

> Dessa forma, a influência das agendas político-governamentais na produção webjornalística também é minimizada, à medida que a informação é construída por pessoas "independentes" em relação às fontes oficiais. O tempo em que os assuntos permanecem em pauta na Internet também é uma questão que foge da imposição midiática (ABRAS e PENIDO, 2007, p.13).

"A internet reapresenta velhos dilemas e novos desafios para o jornalismo", diz Christofoletti (sem data, p.20). "É necessário que a conduta de repórteres e editores se escore na permanente reflexão sobre os fundamentos desta prática que se convencionou classificar de finalidade pública". Conclui-se com os autores que as redes sociais facilitam e possibilitam um maior engajamento da sociedade de hoje, incentivando sua participação na vida política. Nas palavras de Lucia Santaella, na abertura do Intercom: "É quando, através das redes, busca-se interferir nos destinos políticos de determinadas conjunturas históricas, justamente o que estamos vivendo". Consequentemente, cobram a prática de um jornalismo mais independente, pois visam a libertar a produção noticiosa de limitações normalmente encontradas nos meios de comunicação tradicionais.

Referências

ABRAS, Fernanda e PENIDO, Pedro. **De *Gatekeeper* a Cartógrafo da Informação**: a reconfiguração do papel do jornalista na *web*. Acesso em 6 fev. 2013. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2007/resumos/R0098-1.pdf>. Acesso em 6 fev. 2013.

BALDANZA, Renata Francisco (2012): **Telefones celulares, redes sociais e interacionismo simbólico**: conexões possíveis, *Mediaciones Sociales. Revista de Ciencias Sociales y de la Comunicación*, nº 11, pp. 97-122. DOI:http://dx.doi.org/10.5209/rev_MESO.2012.v11.41271

BARBOSA, Bia in Revista Carta Maior. Ativismo digital enfrenta desafios para ganhar ruas na América Latina. 14.set.2012. Disponível em: http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=20885. Acesso em 18.out.2012.

BARBROOK, Richard. "**Futuros imaginários**: das máquinas pensantes à aldeia global". São Paulo: Peirópolis, 2009.

BARLOW, John Perry. **Copyright é novo imperialismo, diz guru da web.** Terra Magazine, 2007. Entrevista. Disponível em: <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI1720466-EI6584,00.html> Último acesso em 17.set.2012.

BECKER, Maria Lucia. Verbete "ciberativismo" na Enciclopédia Intercom de Comunicação, 2010.

BOCCHINI, Lino. Artigo **Protestar no Facebook não adianta. Tem que fechar a venida.** Publicado em 7.jun.2013 na versão on-line da Revista Carta Capital no endereço: <http://www.cartacapital.com.br/politica/protestar-no-facebook-nao-adianta-nada-o-negocio-e-fechar-avenida-1479.html>. Acesso em 9.jun.2013.

CASTELLS, Manuel. **Comunicação e poder**, editora Aliança Editorial. Disponível em:<http://www.universia.es/html_trad/portada/actualidad/noticia_actualidad_trad/params/anyo/2009/mes/Noviembre/noticia/badfag.html> . Acesso em 30 jan. 2010.

_____. **Sobre Internet e Rebelião**. Disponível em: <http://www.outraspalavras.net/2011/03/01/castells-sobre-internet-e-insurreicao-e-so-o-comeco/>. Acesso em 12.out., 2012.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no Jornalismo**. São Paulo: Ed. Contexto, 2008.

_____. Ética jornalística, novas mídias e eleições no Brasil. Sem data. Disponível em <http://www.nupef.org.br/sites/default/files/Politicsoito_tres.pdf>. Acesso em 9.jun.2013.

FERREIRA, Jerusa Pires e PRADO, Magaly. **Diálogos: o Twitter e o Peripatético.** Revista Matrizes. ECA/USP. Junho 2010.

LEMOS, A. Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirredes (DHCMC). **Comunicação, Mídia e Consumo**. n. 10. São Paulo, 2007.

_____. **Movimentos Sociais 2.0**. Não há líderes, mas ideias circulando. 3.maio.2012. Disponível em: http://andrelemos.info/2012/05/movimentos-sociais-2-0/. Acesso em 22.set. 2012.

ORTIZ, Anderson de Almeida Cano. **Política na web?** Fala sério! Democracia e política na perspectiva do jovem eleitor carioca conectado pelas TIC / Anderson de Almeida Cano Ortiz. – 2012. Disponível em:< http://www.ppgcom.uerj.br/teses/2012/03/>. Acesso em 10.jun.2013.

PRADO, Magaly. Webjornalismo. Rio de Janeiro: LTC-GEN, 2011.

RHEINGOLD, Howard. **Smarts mobs. The next social revolution**. Disponível em: <http://www.smartmobs.com/> Último acesso em 10/2/2008.

SILVEIRA, Sergio Amadeu (org.). **Cidadania e redes digitais**. Citizenship and digital networks. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil: Maracá – Educação e Tecnologias. Casa da Cultura Digital, 2010.